

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A força social de um encontro: a história natural de uma comunidade de afetos através das narrativas dos seus participantes. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 17, n. 50, p. 17-29, agosto de 2018 ISSN 1676 8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

A força social de um encontro: a história natural de uma comunidade de afetos através das narrativas dos seus participantes

The social force of a encounter: the natural history of a caring community through the narratives of the participants

Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Recebido: 28.04.2018

Aceito: 17.05.2018

Resumo: Este artigo etnografa uma rua de um bairro popular. Recria, através de narrativas, o processo de chegada e ocupação de um espaço onde foi erigida uma trajetória de vida em comum, a conformação de uma cultura emotiva e seu arcabouço moral, unidos na trama pessoal e coletiva das trajetórias que uniram homens e mulheres em um lugar, no interior de uma história natural de solidariedade e compromissos afetivos por eles vividos. Compreende as bases desta construção solidária e a preocupação em repassar o *nós* experimentado como conhecimento emocional e moral aos seus descendentes, através da elaboração de um plano comum de ações e códigos de conduta para si próprios e as novas gerações. **Palavras-chave:** história natural, comunidade de afetos, cultura emotiva, memória

Abstract: This article makes ethnography of a street of a popular neighborhood. It recreates, through narratives, the process of arriving and occupying a space where a common life trajectory has been erected, and the conformation of an emotive culture, and its moral framework, anointed in the personal and collective trajectory of the trajectories that united men and women in one place, within a natural history of solidarity and affective commitments they have lived through. It understands the bases of this solidarity building, and the concern to pass on the knots experienced as emotional and moral knowledge to its descendants, through the elaboration of a common plan of actions and codes of conduct for themselves and the new generations. **Keywords:** natural history, caring community, emotive culture, memory

Este artigo etnografa uma rua de um bairro popular através da memória dos seus moradores. A rua, aqui chamada Rua X, já não existe. A última casa foi destruída em 2017 pela construtora que comprou os demais terrenos. A Rua X se localizava as margens do Rio Jaguaribe, nos limites do bairro da Torre, na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. É uma rua com uma história natural¹ pungente sobre a qual os

¹ Por *história natural* se entende aqui a trajetória retrospectiva de desenvolvimento e maturação de um acontecimento, na sequência de seus fatos e ações, ou em sua carreira moral, como um evento socialmente situado, quando narrado ou quando buscado ser explicado ou compreendido pelos

moradores construíram um caminho e direção de si próprios associados a um lugar de pertencimento. A rua reflete o envolvimento da primeira geração de moradores que ocupou um terreno na “mataria”, nos anos de 1940 e lá construiu suas moradias. Ela elucida as trajetórias de sofrimento, lutas, conquistas, partilhamento, solidariedade e amizade, conformando um processo social singular de uma cultura emotiva que envolve os moradores em torno do que identificam como uma comunidade de afetos: processo experiencial vivido e burilado constantemente pela geração pioneira que ocupou um espaço nos terrenos desconsiderados pela especulação imobiliária em uma cidade em expansão, na época, e o transformou em um lugar.

Apresentam-se aqui as narrativas de compartilhamento e pertencimento que dão forma a esta comunidade de afetos. Intenta mostrar como os pioneiros remontam a configuração da cultura emotiva e do seu arcabouço moral à trama pessoal e coletiva das trajetórias que os uniram a um lugar, no interior de uma história natural de solidariedade e compromissos afetivos vividos. Etnografa as bases desta construção solidária. É um relato de um experimento de vida que durou um pouco mais de setenta anos, desde a chegada ao local até a dispersão dos seus moradores por vários bairros da cidade. A Rua X hoje permanece ativa na memória dos membros da comunidade de afetos. É sobre a rememoração dos pioneiros que esse artigo trata. O processo de construção moral desta comunidade nas gerações seguintes não será trabalhado aqui. Assim como não serão objetos de análise as tensões resultantes na manutenção de uma rua de intensa personalidade como a Rua X, nem as interações conturbadas com os moradores da Vila Sem Nome² que, apesar de terem habitado fisicamente a rua, não eram considerados e nem se consideravam membros da comunidade de afetos local.

“A gente sempre foi de uma junção só”

A afirmativa acima introduz o argumento de união e de bem-querer deste nucleamento humano de forte sedimentação intersubjetiva que conforma a história natural da Rua X em uma comunidade de afetos. Rua de parceiros de laços estreitos desde a ocupação daquele “pedaço de chão”, que foram se solidificando no cotidiano, e no processo de socialização dos filhos e nas práticas de auxílio aos próximos “mais necessitados” locais³. O relato de Seu José rememora momento do encontro dele e de sua mulher com os demais outros homens e mulheres que juntos ergueriam a comunidade de afetos na Rua X. Lugar onde construíram suas casas e caminharam unidos em trajetórias comuns e singulares a cada um, que compõe a história natural do lugar. Narra um meio de tarde, onde homens e mulheres, casais e solteiros, aportaram em João Pessoa. “Essa gente”, expulsa do meio rural, ao aportar na cidade desconhecida se encontrava perdida e com medo da aventura começada e se descobria confusa sobre para onde ir e o que fazer. Segundo Seu José, “a gente se conheceu com olho compenetrado sem saber que rumo tomar e assustado... a gente tudo olhando prá dentro da gente com a pergunta que não fazia prá fora, mas que martelava na cabeça... e agora?”. O receio do desconhecido pesava no interior de cada um, vendo a situação dos seus arrastados nesse desvario aventureiro, com receio de expressar a pergunta abertamente. Não que tivessem medo da aventura, “se estivesse sozinho” quem sabe fosse diferente, mas agora, como casal e alguns já com filhos, “a coisa se tornava cheia

personagens que o acompanharam de modo direto ou indireto. Assim como nas ações projetivas e construções de cenários sobre o futuro.

² Esta pequena vila não será objeto de análise. Este artigo se restringe ao desempenho narrativo dos pioneiros da Rua X sobre a ocupação do lugar e a organização moral e afetiva de si mesmos como uma cultura emotiva que produziu um ethos específico de interrelação entre eles e o lugar.

³ Como os moradores se referem à Vila Sem Nome, situada na entrada da rua.

de receios pelos compromissos além de eu”. O medo de não conseguir encontrar um lugar, um emprego, dificultado pelo desconhecimento da cidade, de não ter amigos e parentes a quem recorrer, girava a cabeça de todos em um verdadeiro turbilhão de temores.

Turbilhão solitário preenchido pelo receio de “falar alto” para o parceiro ou parceira da relação, e com vergonha de tê-los arrastado em uma aventura fadada ao fracasso: até porque vinda de “supetão”, como contou D. Antônia em 2010. Isto é, sem projeto algum a não ser o “ter que sair daqui, aqui já não dá prá gente sobreviver”. Ela lembra ter insistido junto ao seu marido que queria ainda tentar permanecer no sítio do pai. Ela conta a dificuldade de olhar para o marido quando, na calçada da estação, foi tomada pelo desespero de ter cometido um erro de avaliação e ter de volta um olhar intimidativo dele, por tê-lo “arrastado” em uma aventura fantasiosa. Uma narrativa próxima é contada por cada um dos homens e mulheres isolados ou como casais que serviram de interlocutores nos diversos momentos da pesquisa, e que fizeram parte do nucleamento básico construtor da Rua X e de sua comunidade de afetos⁴.

Parados em frente à estação ferroviária, viam as horas passar e a noite chegar. Com um olhar fugidivo, de vergonha, remorso ou culpa de tê-los arrastado nesse “descaminho”, viviam o desespero de não ter o que dizer, de se encontrarem em uma situação sem saída. O mesmo olhar fugidivo vagava em volta e enxergava outros tantos com as mesmas expressões assustadas e temerosas de exprimi-las em palavras para o seu próximo. Viam também crianças, algumas brincando, algumas chorando, algumas se acomodando entre “as tralhas de cada qual”, vendo a barriga “a roncar”, contando na cabeça os trocados que dispunham e o que sobrava dos alimentos que trouxeram. De um lado, o enxergar os outros tão perdidos como eles, aumentava o sentimento de vergonha de terem insistido com o relacional nessa “largada” fadada ao fracasso. Do outro lado, a “barriga a roncar” e o ver crianças cansadas e com fome em torno, e pessoas desconhecidas e temerosas igual a eles próprios, motivou um sentimento de compartilhamento que levou uns ao encontro dos outros. Como disse Seu José: “daí, num sei como um se aproximou do outro... Talvez o café oferecido por uma mulher da gente a uns por perto... Talvez o agasalho emprestado a uma ou duas crianças... Talvez o instinto da gente de ter de conversar prá afastar os augúrios...”. Um se aproximou do outro.

Simmel (1908) fala desse momento que arrasta um indivíduo ao outro e onde exercitam trocas passageiras ou que podem se encaminhar para relações duradouras de sociação. Sociação é uma noção que descreve a descoberta e o lançar-se ao outro em um encontro possível qualquer, e em uma dimensão também ampla, que vai de uma simples intenção de curiosidade, até ao compartilhamento e solidariedade, ou tensão e conflito. É uma ida emocional que leva os indivíduos aos outros. O que a impulsiona, segundo Seu José, “talvez seja o instinto da gente sempre ter que conversar prá afastar os augúrios”. Isto é, trocar informações ou querer se situar, ajudar, ou tensionar o outro por um motivo qualquer. As formas assumidas por esse impulso ao outro no momento seguinte do encontro conforma o tamanho e a intensidade da relação em uma temporalidade e a uma vinculação a um espaço por onde pode ou não se expandir. Compõe uma cultura emotiva que se finda a seguir, ou que prossegue em configurações diversas e na emergência de uma moralidade tecida no processo da continuidade desta relação, tornando-se assim, social.

Seu José a descreve como a dimensão nova que emergiu na vida daquelas pessoas paralisadas em uma calçada, desembarcadas de vários caminhos para o mesmo

⁴ Estive em campo entre os anos de 2000 a 2005, 2007 a 2012 e 2016 a início de 2018.

destino, mas sem saber para onde seguir e se vasculhando interiormente sobre a aventura, o cheiro de fracasso e o envolvimento do outro relacional em um projeto desorganizado e sem possibilidade de sucesso. “Sei lá...”, diz ele. “Só sei que de repente tava todos nós amontoado, e papo a rolar... acho que a gente ficou forte de novo... Já começamos a cavar o amanhã prá nós...”. Essa dimensão nova, proporcionada pelo encontro com outros relacionais na mesma situação, abriu fronteiras. A expressão “de repente” evidencia o prazer da ida ao outro e da esperança revelada no intercâmbio: “tava todos nós amontoado, e papo a rolar”. A esperança é demonstrada na força dos outros no encontro, advinda do “papo a rolar”.

“De repente a gente ficou forte de novo”. Já não se estava só em uma cidade desconhecida, agora se era um “amontoado” com o mesmo sentimento de ganhar a cidade, com a mesma insegurança do que fazer e dissipada no “papo a rolar”, que provocou novas emoções de uma ida em conjunto para um amanhã agora possível; de um possível *nós* que fez “a gente [ficar] forte de novo” e começar a pensar o amanhã. Afirma que “de início, foi uma amizade só... Parecia que a gente já se conhecia de montão...”. O encontro solidário da partilha de alimentos e agasalhos e dos diversos caminhos ali cruzados encheu de esperanças os projetos de cada um. Cada um encontrou nos projetos dos outros, possibilidades também comuns de continuidade. Esse conjunto de pessoas, assim, se encheu de coragem e força para procurar meios de sair daquela calçada. “De repente”, alguém do grupo falou que alguém tinha dito que na praça ao lado havia carroças que serviam de transporte, e que seus donos possuíam informações sobre os rumos para se acomodarem e prosseguirem seus caminhos de conquista da cidade. “arranjamos umas carroças e aportamos por essas bandas...”: o local onde se ergueria a Rua X. “E aí”, continua, “a gente nunca deixou de se gostar... Um sempre atento às necessidades dos outros, e também, todo mundo no seu canto...”.

Essas afirmações preenchem o que os moradores da Rua X chamam de comunidade de afetos. Comunidade de afetos sentida como organizada por eles na trajetória de suas vidas em comum. Trajetória que começaram a tecer e seguir socialmente desde que iniciaram a conversar na estação ferroviária e seguirem a viagem até a beira do Rio Jaguaribe. Continuou no ato de prosseguirem juntos e com a resolução conjunta de divisões de tarefas para mapearem o local, adentrarem na mata e procurarem um lugar para construir moradias e buscarem trabalhos para, juntos, se organizarem na cidade. A comunidade de afetos para eles é constituída dessa amizade e desse gostar constantemente renovado no se estar “sempre atento à necessidade dos outros”. Mas é também esse saber respeitar a privacidade de cada um, expresso na afirmação de “todo mundo em seu canto”. Uma relação difícil de fazer, mesmo porque o até onde vai o estar “atento às necessidades dos outros” e onde começa o “canto” de cada um se esbarram e ultrapassam limites na lógica do intenso compartilhamento a que acostumaram seguir com base do laço social que os unia. Esse dilema continuamente enfrentado percorreu os setenta anos da comunidade de afetos da Rua X. Rua de vínculos estreitos entre os seus moradores, sobretudo os pioneiros, onde desenvolveram uma intensa personalidade e uma forma singular de ver e sentir o mundo, de onde se espelhavam dia a dia para prosseguir adiante. Este intenso compartilhamento era assim recheado de tensões, que complexificavam as relações nos frouxos limites deste estar junto e também cada um “em seu canto”, e no acomodar as fluidas dimensões entre o sempre estar atentos às necessidades dos outros e o não invadir a intimidade de cada um.

A comunidade de afetos da Rua X, onde a amizade e a solidariedade montavam as bases de sua organização, era, assim, uma comunidade de tensões. Esse longo processo, esse difuso fazer-se foi sempre recheado de rugas, discussões, “querelas” e

fofocas. Também pleno de mágoas, algumas caladas, surdas, mas amainadas pela disposição de “todo mundo [estar continuamente] atento [aos limites, e buscar] diminuir as querelas” quando estas ultrapassavam as fronteiras permitidas do outro; e no saber pedir desculpas e procurar “achar engraçado [o que] o fulano/a disse...”.

Uma comunidade de afetos

A Rua X é uma rua tranquila, pequena e de entrada e saída pela várzea do Rio Jaguaribe. Constituída, no lado direito, por nove residências. No lado esquerdo, possui quatro casas e uma pequena vila constituída por seis pequenas casas geminadas, para aluguel, erguida nos anos de 1960 no quintal de um morador residente na rua cujo fundo dava para a Rua X. Os terrenos das nove casas do lado direito da Rua X são relativamente profundos, e de propriedade dos próprios moradores. No lado esquerdo da Rua X, os terrenos das quatro casas, também de propriedade dos moradores, são mais compactos, e quase todo preenchido pelas “morada[s]” (croqui abaixo).



Croqui da Rua X. Fonte: Arquivos do GREM

Nas treze casas todos se frequentam e se ajudam mutuamente. Formam uma comunidade solidária e afetiva. Todos os moradores pioneiros desembarcaram na cidade em 1945. O grupo era composto por jovens iniciando família. Esses treze casais são os personagens centrais da trajetória de luta e manutenção de um ritmo e estilo de vida, de cuidados de si e dos outros companheiros, que “por um acaso de uma sorte”, na visão de uns, ou “por um ensejo de deus”, na opinião de outros, ou mesmo, “por a gente se sentir sozinho e cheio de medo numa cidade que a gente não conhecia e nem sabia prá onde ir ou o que fazer”, na apreciação de outros mais, os fez ficarem juntos, compactuarem os medos, as esperanças, achar um lugar “prá gente ficar ou passar a noite” e, depois, caminharem juntos, construírem uma “camaradagem” e um lugar para residirem e compartilharem: a Rua X.

A “sorte”, o “ensejo de deus”, “o se sentirem sozinhos e cheios de medos”, ou outros motivos dados para essa união, os juntou em uma trajetória comum, e os fez construir uma sociedade entre eles: uma forma de vida interdependente que os ajudaria “no suor e nas lágrimas” a “caminharem juntos”, a constituírem um núcleo de

“camaradagem”, e a compartilharem um lugar escolhido para morar e criar os filhos. De acordo com Simmel (1908, p. 4), a “sociedade existe onde vários indivíduos interagem”.

Esta interação surge sempre a partir de certos impulsos ou por causa de um propósito definido. Os impulsos [ao outro], os propósitos de defesa, ou ataque, de vicissitudes, de aquisição, de assistência, bem como de instrução e inúmeros outros possibilitam ao homem estar juntos, trabalhar uns para os outros, trabalharem juntos, [ou] atuarem uns contra os outros a entrarem em convivência mútua, isto é, de transferir efeitos sobre os demais homens e receber os efeitos deles em si. Essas interações significam que os portadores individuais desses impulsos e fins se tornaram uma unidade, se tornaram uma “sociedade” (Tradução livre – MK).

Uma sociedade em construção: a comunidade de afetos da Rua X. Uma sociabilidade “feita”, como se afirma localmente, através de muita amizade, compreensão, luta e sofrimento, mas também de partilhamento de alegrias e de fundação de um modo de viver, de sentir e agir como e enquanto comunidade; sobre a qual se armou um nucleamento de bem querer e de força: “e, daí prá frente foi só trabalhadeira”. Esta comunidade de afetos, construída no transcurso de uma trajetória e biografia comuns dá sentido ao grupo enquanto unidade social e à dimensão cultural montada sobre o sentimento de pertencimento, e da formulação de regras e normas de conduta que orientavam esse continuar. A sua história natural monta um mosaico de representações desta figuração social, que serve de parâmetro de condutas a serem observadas e que objetificam os sentidos morais repassados às gerações seguintes e de forte presença nas narrativas individuais sobre o lugar, sobre a sua densidade cultural e proeminência enquanto referência simbólica. A memória social da conformação comunitária, os ordenamentos mentais desse sentimento de pertencimento a um lugar comum de trocas solidárias e a noção de uma comunidade de amizades e dedicações montam por fim um quebra-cabeça cujas peças permitem a compreensão e a visualização do formato singular do lugar e dos personagens que dele fazem parte.

A comunidade de afetos da Rua X se autoproduziu e se reproduziu cotidianamente no processo de crescimento de si mesma enquanto um *corpus*, que orienta formatos de agir, consolida o pertencimento, as trajetórias individuais e dá sentido a um viver em comum. Uma *forma*, um *corpus*, um *nós*, simmelianamente falando, pensado não como unidade homogênea, mas como uma unidade tensional (Simmel, 1910-1911). Tensão que mobiliza a forma e a transforma cotidianamente como num caleidoscópio em que novas composições de mosaicos se organizam a cada jogo interacional, apesar de usarem as mesmas peças. O que exige do jogador uma habilidade para se movimentar entre as composições sempre novas de mosaicos, e de seguir regras de conduta que os organizam e lhes dão sentido. Um *nós* denso, ou formação, ou figuração, orienta as narrativas individuais em relação ao processo de conformação dos personagens em um si mesmos, coletivizados, enquanto selves autoespelhados (Cooley, 2017).

Espelho abstrato através do qual cada indivíduo presente se autorrefletia a cada situação ou a cada mosaico armado no contínuo girar do caleidoscópio emocional e moral da Rua X. Nos autorreflexos, uns dos outros, uns sobre os outros, os moradores se orientavam em direção a suas ações privadas e em relação aos demais próximos e aos outros ao redor, articulando os fios de um caminho enredado dos agentes sociais nele imersos, nos compromissos cognitivos inerentes ao pertencimento ao grupo, em uma espécie de autossentimento.

Berger (1972, p. 135) afirma que, “ao se escolher pessoas específicas, escolhe-se um lugar específico para viver”, isto é, uma coletividade cujas opiniões, convicções e rumos de ação são decisivos para a formação das opiniões, convicções e rumos de ação individual de cada membro. O fazer parte orienta as ações das pessoas imersas, constituindo uma cosmovisão, ou uma maneira subjetiva de ver o mundo através das experiências vividas e apreendidas no cosmo comunitário da sociabilidade a que pertencem. O grupo serve como um identificador pelo qual os indivíduos lêem o mundo, os outros que nele habitam e os que vivem ao seu redor e além, e institui um lugar para si de onde enxergam a si mesmos como indivíduos sociais, emocionais e morais, enfim, enquanto pessoas.

Uma pessoa no interior de um grupo percebe o mundo de que faz parte de um modo determinado, e a partir dele organiza a sua visão sobre os outros próximos, sobre si mesmo e os demais. O grupo fornece um modelo sobre o qual se pode comparar continuamente o próprio self, o *nós* próximo, comunitário e pessoalizado, e os outros. O grupo como cosmovisão proporciona um determinado ponto de vista sobre a realidade vivida e constituída, fruto das experiências de trocas sociais com os outros relacionais, com o ambiente físico e social interno e comum à experiência do lugar, e que será parte e conterà a parcela de participação dos que dele participam, no grupo em si e nas trocas com os demais.

É possível pensar aqui a dimensão da natureza precária da realidade de Thomas & Thomas (1928), através da ideia de que cada realidade social é produto de uma situação e de ações situadas que são produzidas no jogo dos indivíduos em cena dentro de um plano comum de sentidos organizados, e que serve como orientador das ações individuais em relação ao *nós* e à sua ação como coletividade; e à ação dos indivíduos pertencentes ao mesmo lugar comunitário e à ação dos outros que dele não fazem parte. Essa discussão serve para pensar o plano comum de sentidos no ambiente da Rua X. A comunidade de afetos é composta pelas casas da Rua X em cujas unidades residem as 13 famílias⁵ pioneiras, alguns dos seus filhos, genros e noras, netos e bisnetos⁶. A comunidade de afetos se autorreflete, de tal modo, em quatro casas no lado esquerdo da rua, e nove casas no lado direito. Os seus moradores são os mesmos que edificaram as moradias e compuseram os sentidos que movem a comunidade de afetos local. Estão no lugar desde o processo de ocupação, e lá desenvolveram uma participação ativa na conformação do lugar enquanto rede afetiva que medra a cultura emotiva local e objetificam sua moralidade e regras de agir comuns no processo de afirmação dessa participação como pertencimento. Pertencimento que orientou as composições tensas de códigos de conduta oriundos da intensa mobilização amigável e solidária dos seus moradores e que desenvolveu o grupo e a cosmovisão organizada para o viver em comum; servindo de motivação e abalçamento das narrativas e dos planos comuns de ação dispostos nesse *corpus*, orientadores das ações individuais e do comportamento e desempenho dos que a ela pertencem.

A narrativa dos pioneiros: a ocupação do lugar e a composição da rua

As 18 famílias que edificaram uma trajetória comum e constituíram-se em uma comunidade de afetos imigraram para a cidade por caminhos e sentimentos de partida de origens diferentes; se encontraram paradas em uma calçada da estação ferroviária, onde desembarcaram, e lá se conheceram e resolveram partir juntos na busca de um lugar para morar e erguer suas vidas. Todos muito jovens. Seu Raposo e Seu Pedro relembram que seguiram com suas mulheres e outras 16 famílias em duas carroças de

⁵ Originalmente foram 18 famílias.

⁶ Os personagens principais deste artigo são os pioneiros.

boi até as margens do Rio Jaguaribe. Lá chegando, depois de uma noite em torno de uma fogueira, saíram em grupos para identificarem o local e escolheram, junto com as outras famílias, o lugar onde deveriam realizar o desmatamento e edificar as suas moradias. Relatam que tomaram conta de dois terrenos conjugados, na delimitação da área ocupada pelo grupo, limpavam o terreno e neles construíram aos poucos as suas casas: com quintais generosos e onde mantiveram uma pequena horta cuidada em conjunto pelas esposas e amigas D. Etelvina e D. Geralda.

Além da estreita amizade entre os casais Raposo e Etelvina e Pedro e Geralda, os demais vizinhos da pequena rua sem calçamento também faziam parte da rede solidária da comunidade de afetos, que se consolidava a cada novo dia. Comunidade construída ao longo dos anos de profundo convívio e resistência, no cotidiano da sobrevivência e na defesa do lugar que escolheram para viver e criar os seus filhos. Todos eram vistos como coparticipantes desse núcleo interacional de significados, de trocas simbólicas, de ajuda mútua e de ajuda ao próximo. “Principalmente dos mais necessitados de nós”⁷, disse o Seu Paulo, no início de 2002, quando, acompanhando o Seu Raposo até a sua residência nos deparamos com ele, sem camisa, no muro de tábuas de sua casa. Seu Raposo, complementando a narrativa em relação à comunidade de afetos da Rua X, olha para mim e afirma: “uma coisa é certo, professor, eu tenho orgulho e agradeço muito ter tido a sorte de parar nessa turma que ajudou a montar essa rua e esse pedaço de bairro”. A turma que ele se refere são as 18 famílias de pioneiros, tornadas 13 mais tarde, que se autoconstituíram em uma comunidade afetiva. Segundo o seu relato, “nós, desde o início só se demos bem, tudo alma caridosa e necessitada uns dos outros... mas, tudo muito agarradinho nos apoios uns pros outros, mas também, e isso é uma coisa firme na gente... cada um direito, no seu canto, sabendo os pés de cada um e atendendo apenas quando chamado e estando atento pro que der e vier”.

Cada dia os aproximava mais. Com o passar do tempo montaram roçado e criação comuns e partilhavam dos bens e de algum lucro obtido sobre a venda das sobras da colheita. No caso de haver sobra se encarregavam de repassá-las e atingiam outros moradores por perto, a quem vendiam o produto; ou, como o Seu João Carroceiro, montava barraca em pontos próximos, ou no entorno do mercado público e nas feiras livres da cidade, tornando-se verdureiro, como antes fazia nas feiras livres do interior. Profissionalmente, os que tinham alguma habilidade se firmavam nela: faziam cestos, peneiras, chapéus e iam vender na cidade; montavam um “negocinho” ou trabalhavam como ajudantes de pedreiro, alguns se tornando mestres de obras, vidraceiros, e outras especialidades. As mulheres se empregavam como domésticas; na arte da costura, e em fábricas, ou apenas cuidavam “do lar”. Outros poucos, de acordo com Seu Paulo, “... não tiveram tanta sorte, mas lutaram e com a ajuda da comunidade foram se montando, foram “... se ajeita[ando] devagarinho na vida, trabalhando honesto e criando seus filhos”.

Seu Paulo com uma expressão de tristeza no olhar, e falando direto para o Seu Raposo informa, que “outros num aguentaram os puxões da vida e se mandaram logo...”. Evoca as cinco famílias que não resistiram às pressões no processo de constituição da Rua X. Rua X e comunidade de afetos são, nas narrativas, fundidas, ambas significando o núcleo de pertencimento e solidariedade mútua. A memória social e individual de cada pioneiro se mistura assim entre o lugar e a história natural de sua ocupação e a comunidade de afetos gerada no decorrer dessa história. As paisagens construídas nas narrativas fundem as imagens de apropriação do espaço com a composição afetuosa do lugar, conquistado com lutas e sofrimentos, mas sempre

⁷ Os “mais necessitados de nós” eram os moradores das casas da Vila Sem Nome.

evocadas a partir da solidariedade e afetos que uniram o conjunto dos pioneiros. Nos balanços rememorativos contam as trajetórias individuais e coletivas como um composto de ganhos e de muitas perdas no decorrer da história natural da Rua X. Como na narrativa do seu Pedro, em 2009, quando afirma: “... a gente tudo era gente nova, com disposição e com braços para a labutagem e com vontade de se aperfeiçoar nas artes que a gente já tinha ou para outras que porventura deus quisesse dar prá nós”. Ele se refere à vontade presentificada no envolvimento dos diversos casais, uns com os outros, que deram força ao conjunto na montagem de projetos e projeções sobre o destino de cada família, de cada um, e da comunidade afetiva que se formava e se consolidava a cada “novo amanhecer”.

Expõe sobre as dificuldades passadas por todos: “... algumas mulheres da gente, no início, tiveram que trabalhar na casa dos patrões lá na cidade e passavam de quinze dias a um mês por lá e dois dias em casa, era dureza”. Olha ao redor e aponta com o dedo na direção de algumas residências dizendo: “... a mulher de João [Carroceiro], que deus a tenha, e a de Euclides e a de Paulo, e de outros tantos daqui passaram tempos fazendo isso, até se aprumarem na vida...”. Aponta para si próprio e para a casa vizinha e afirma que “a minha Geralda e a Etelvina, mulher do Raposo, ainda bem, não precisaram não!”. Afirma orgulhoso de que os dois possuíam uma posição profissional diferente que os tornava mais afeitos à vida, o que poupava as mulheres do trabalho fora de casa. As suas esposas “... ficavam cuidando da casa, [mas] plantavam uma roça, cuidavam dos nossos filhos e iam prá igreja, e ajudavam nas festas, nos hinos e coisa assim...”. Elas eram “trabalhadeiras” e “prestativas”: “as duas, Geralda e Etelvina, ficavam em casa, mas sempre foram mulheres da luta... Sempre trabalhadeiras e prestativas aos outros próximos...”.

Os anos de chegada foram dureza

Houve uma festa na Rua X: era o aniversário de 84 anos de D. Antônia, em 2009. Aconteceu no quintal da casa dela em volta de uma grande fogueira onde as pessoas sentavam em torno e assavam pedaços de carne, frango, salsichas, queijo coalho, em grande fartura, e eram servidos de sucos e muita cachaça. Na festa se armou uma animada roda de conversa. O assunto, - com outros do dia a dia da comunidade e de muitas “salvas” e “vivas” a D. Antônia, - era a construção da comunidade de afetos da Rua X⁸. Seu José Lourenço informa que, “os anos de chegada foram dureza”. Afirma que “a sorte da gente foi a gente ter encontrado uns comparsas que estavam na mesma precisão de nós, e gente da boa...”. Seu Beto pega o mote para lembrar o momento do encontro na calçada da estação ferroviária. Relembra esse instante passado, mas presentificado na sua imaginação e dos muitos presentes, como o marco inicial de uma união entre pessoas que nunca tinham se visto antes, mas que se colocaram em um projeto de vencerem juntas as agruras do momento. De partilhar as suas vidas, conquistas e derrotas, lutas e ganhos, perdas, sofrimentos e alegria e o prazer de estarem juntos, como na comemoração do aniversário de “uma guerreira, mulher de fibra, amiga, irmã, batalhadora, essa nossa Antônia”. Seu José Lourenço lembra que “... távamos tudo de nós ali, recém chegados, com bagagem, mulher e alguns com filhos, olhando o mundão sem saber que rumo tomar...”. A sua voz adquire uma tonalidade especial, a narrativa se torna quase épica. Conta que “ninguém quase não se conhecia, mas tava tudo junto como um monte pensando cada qual o que fazer”. Olha para D. Antônia e grita um “... parabéns para essa mulher da gota serena!”; olha para o local em que se encontra D. Socorro, dá uma piscadela, encosta a mão direita nos lábios e manda

⁸ Como lembrou D. Flor, era sempre a mesma coisa, nos encontros sociais se conversava sobre esse período: as “durezas da vida nos primeiros tempos”, as “conquistas”, e “as coisas da vida em comum”.

um beijo em sua direção. Olha, enfim, para a platéia armada de amigos em torno da fogueira e prossegue: “Aí, Antônia, mulher do finado Amaro, junto com Socorro, minha mulher... trocaram conversa e fizeram logo amizade, [e] começaram a passar uns pães e um café ralo entre o monte que era a gente...”. Faz outra pausa curta e acrescenta: “essa movimentação dessas bravas eu não esqueço jamais! Foi aí que tudo começou prá nós”. Ao redor existem olhares emocionados: todos se inserem na narrativa épica e esta cena, que serve como símbolo da montagem da rede afetiva que tomou forma de uma trajetória comum, é revivida. A emoção toma conta da platéia. O orador sabe tirar proveito e continua: descreve o encontro, simbólico para os comunitários da Rua X; informa que, “uns começou a falar com os outros, e o finado Amaro disse que soube que lá pras bandas de uma Estrada dos Macacos tinha uma beira de rio e uma mata, que a gente podia se achar por lá...”. Olhadinha para os lados, para sentir o comportamento da platéia: todos de ouvidos e olhos atentos, e continua: “... e, assim, dito e feito! Todo mundo se animou e já tinha um destino junto...”. Faz um olhar triste para lembrar alguns homens e mulheres que estavam como eles na calçada da estação e não se interessaram ou não tiveram coragem de segui-los na empreitada de conquistar a “mata”. Assume a teatralização da narrativa e diz, “pois é, vai ver que tinha que ser assim...”. O que é concluído por Seu Jonas, que toma a palavra. Antes, porém, faz um “*urra!*” em direção à D. Antônia, levanta um copo e faz um brinde à aniversariante, seguido por todos. Depois, expõe: “... como o Beto vinha contando... foi aí que a coisa começou... acho que todos têm essa coisa toda nas cabeças, nos olhos e no coração, pois é... já era de manhãzinha quando resolvemos caminhar... mas quem é que sabia como chegar? Aí o jeito foi sair perguntando...”.

A caminho da Estrada dos Macacos

Seu Beto fala de alguém que ouviu falar que do outro lado da rua havia carros de boi que faziam transporte e conheciam a cidade e os melhores lugares para onde poderiam ir. Diz que olhou em frente e, de fato, “tinha uns carros de boi parado por lá e eu e João foi perguntar, um deles disse que podia levar a gente e disse o preço, disse que era uma lonjura danada e lá prá dentro de mata fechada...”. Continua o relato dizendo que “voltamos pro grupo e contamos o que a gente tinha, e dava pelo conjunto prá alugar dois carros e botar por cima umas mulheres buchuda e criança pequena, o resto acompanhava a pé...”. Todo o grupo concordou. Contaram o dinheiro de cada um e daria para fazer o pagamento do transporte dos dois carros. Ele pára um pouco, ri e continua: “Né, minha gente, todos aqui se lembram, ficamos liso e lesado, só vendo, mas fomos prá dentro que era a nossa meta maior naquele momento...”.

Seu Raposo balança a cabeça confirmando os relatos e acrescenta: “é verdade, foi uma dureza, mas era a nossa meta e a gente tinha fé!”. Assume a palavra e retoma a narrativa épica deste encontro social que levou o grupo a seguirem unidos em uma longa trajetória. Segundo Seu Raposo: “Nós chegamos quase de madrugada junto do Rio Jaguaribe. Paguemos os carroceiros, gente boa, que viu a nossa situação e deixou ainda uns trocados com a gente e seguiram viagem de volta”. Diz que desembarcaram, olharam uns para os outros, dividiram os “malotes entre eles, e “a gente adentrou a andar pela margem do rio, andou, andou e parou num canto”. Nessa parada para descansar um pouco, se reuniram e decidiram que teriam tarefas imediatas a serem executadas para dar o conforto mínimo ao grupo. Ficou decidido que “as mulheres organizariam um acampamento”, e houve uma separação de atividades entre eles: “uns [seguiram] prá mata arranjar uns paus pra fazer uma fogueira prá espantar os bichos e mosquitos; outros pescaram uns peixes no rio e fizemos a nossa primeira janta juntos”.

O Seu Samuel toma a palavra, emocionado com as lembranças trazidas e acrescenta: “a gente tava cansado de morrer, mas tava quase feliz! Depois da janta improvisada foi um sono só, com um de nós sendo acordado de tempo em tempo para substituir os que ficaram acordados de vigia do grupo...”. Continua falando desse momento de relaxamento coletivo e da exaustão que os levou a dormir “de um sono só”. Lembra que “acordamos com o sol alto, o rio de um lado e a mata do outro”. Diz que tomaram um café com umas bolachas que ainda restavam e de novo se organizaram em três grupos. O das mulheres, que ficaram cuidando das crianças e “na lida” de providenciar comida e lavar as roupas sujas de dias de viagem. Os homens, por sua vez, se dividiram em dois outros grupos, um adentrou a mata, “para verificar o local”; e o outro, para providenciar comida para o grupo. Este se dividiu em dois, um para pesca e o outro para caça de animais silvestres. Assim organizados, conta, “olhamos um pro outro e deixamos as mulheres na lida de arrumar o acampamento e saímos: um para arranjar o que comer e o outro para verificar a região que a gente tinha parado”.

Conta que

No caminho se descobriu que outras gentes já tava por ali, uns como nós recém chegados, outros com mais tempo, e já com uma roça, umas galinhas, uns porcos, uns gados, uns burros de carroça e uns cavalos...

Conversamos sobre a terra e eles disseram que aquela região que nós tava podia ficar prá nós e que eles ficavam ali, outros acolá e assim foi...

João Carroceiro perguntou prum dono de uns animais se ele não precisava de braço prá trabalhar... Ele olhou pro João, olhou prá nós e disse que ali tudo era pouco, mas podia repartir uns ovos, uns pintos, umas vasilhas de leite em troca de trabalho no roçado e na lida dos bichos. João topou na hora!

Mais tarde, na roda pra janta, falou a respeito e levou, no dia seguinte, outros dois com ele...

“Nós outros ficamos de dividir o terreno da mata prá nós morar e viver!”, conclui.

Após uma demarcação de oitiva das comunidades já instaladas e do local apontado para servir de lugar de assentamento desse novo grupo, fizeram um recorte de onde cada um ia ficar. Na época, o grupo tinha 18 famílias e juntos delimitaram o local de cada núcleo familiar e um traçado de rua: nove terrenos de cada lado. De acordo com João Carroceiro, as divisões eram equivalentes no início, mas, no passar do tempo, quando apareceu “um coronel e disse que as terras tinham dono, uns logo se intimidaram... logo que a briga começou cederam seus terrenos e casas, na época de palha, por uns trocados e se mandaram dali deixando nós no fogo e no sufoco”. Diz que com a “saída desses frouxos, os capangas do coronel fizeram um muro no lugar e as casas ficaram lá dentro com um portão pro outro lado de nós... A pressão foi grande e o pessoal do lado direito da rua vendeu aos poucos um pedaço de seus terrenos e outros se mandaram logo como medo. É por isso que hoje a gente vê que os traçados dos terrenos ficaram desinformes: uns maiores de um lado da rua do que os outros do outro lado. E um lado com as nove casas e do outro só quatro...”.

Nessa altura há um reboição na platéia. Seu João Carroceiro, porém, continua: “Muito depois, o coronel dono dos terrenos das quatro casas que foram tomadas por pressão em troca de quase nada, vendeu os terrenos para um que chegou ao local e construiu a casa dele virado prá outra rua e no fundo da casa, do lado de cá: essa vila que o professor já viu... Nós, do lado direito, mantivemos quase intactos os nossos terrenos, por isso eles ainda têm um bom quintal...”

No que é complementado por Seu Euclides, “pois é... o João contou uma história certa, mas com uma mágoa guardada...”. Diz que vai contar a história da “mágoa

guardada na contação” de Seu João Carroceiro, mágoa que “a gente arrepara até no tom da voz dele”. Para Seu Euclídes,

“essa mágoa é a de que a gente tava junto, unido, mas, embora se gostasse e quisesse ficar junto, muitos de nós tomaram uma decisão de sair, acharam que o dinheirinho que deram, depois de botar gado na roçinha da gente, de ameaçar tocar fogo nas casas de palha da gente, de ameaçar bater em nós, era melhor pegar do que ficar sem nada e até correr o risco de ficar sem vida... É isso... nem todo mundo é igual na pressão, uns cedem outros não, uns cedem mais ou menos, outros não, depende do sofrimento de cada um, do arrastado da vida que cada um levou, do medo ou da batalha de cada mulher que vive com o seu homem; e depende também da precisão de cada um. Eu mesmo fui um que fiquei, eu também vendi um pedaço do terreno da minha casa, por uma merreca e por pressão, mas tô aqui... João mesmo, tava com uma mulher fraca em casa e também terminou vendendo a uma família um pedaço do quintal da casa dele, e ele [a pessoa que comprou] ampliou o terreno dele e construiu uma casa do outro lado da rua. João tava necessitado de dinheiro urgente, tava com dois filhos novos recém nascidos em casa, a mulher doente da parição e precisava de remédio, de pagar parteira, de pagar uns lambedor e umas ervas prá D. Anastácia, lá do outro lado da Mata, que sabia cuidar dessas doenças, e coisa e tal. O dinheiro da parte que ele vendeu foi o que salvou seus gêmeos e deu vida de novo a mulher dele e as outras filhas depois... Não é que ele era frouxo, era de precisão, como também foi comigo... E o que fiz resolveu o que eu tinha de resolver, sem eu precisar arredar o pé daqui e batalhar junto pela nossa rua e nossa amizade... É isso que eu queria dizer... O relato de João é certo, mas a mágoa deve ser diminuída, prá se olhar com mais justeza os modos de agir de cada um de nós...”.

A platéia emocionada aplaude essa defesa das opções dos que se foram, ou dos que ficaram, mas venderam parte dos seus terrenos. Muitos soltam algumas frases gritadas, “é isso mesmo Euclídes!”, “cada um sabe onde o calo aperta”, “João quando bebe não controla a língua e ofende o mundo...”.

O Seu João Carroceiro pede silêncio e emocionado, diz alto, “é verdade o que Euclídes falou...”. Fala dos tempos difíceis que teve, com a mulher doente e cada vez mais fraca, os filhos para criar, ele sozinho enfrentando “a vida” vendendo verduras e frutas de porta em porta, e repete: “é verdade, gente, eu tive mesmo que vender um pedaço do meu terreno a um infeliz que queria aumentar o terreno dele do outro lado da rua para fazer a casa prá morar e abrir um lugar de servir comida e um bar...”.

“Fiz prá salvar o par de gêmeos, meus filhos e a minha mulher que depois deles quase morria de fraqueza danada... E não foi por pressão, mas, como ele [o vizinho dos fundos] mesmo falou, sabendo que eu tava aperriado e doido da vida com a situação que eu tava passando em casa, me fez uma proposta e eu aceitei. Sou o único do lado esquerdo a tá com um terreno menor... Euclídes tem razão, a vida de cada um tem lá suas atribuição e cada qual sabe onde o sapato aperta e como fazer as coisas para sair do aperto... tem razão sim!...”.

O Seu João Carroceiro pediu desculpa e falou que não teve intenção de ofender ninguém. O grupo inteiro estava comovido. Algumas lágrimas brilharam na luz da fogueira nos olhos dos presentes, D. Antônia arrematou a palavra dizendo que “não pode haver mágoa nem ressentimento entre a gente, pois a luta é uma luta de todo dia e é uma luta de gente forte e de vencedores...”. No que Seu Raposo acrescentou: “... gente

de deus! A gente, como disse Antônia, é gente de bem e conforme os mandatos de deus... A gente não pode ter mágoa de coisas do passado...”.

O Euclides tem razão: as precisões de cada um, quando não podiam ser resolvidas pelo grupo, era de cada um, e cada um agia com sua própria cabeça, no seio de deus, sempre generoso, e cada um fez o certo que achava certo. E a gente outros tinha também de saber que esse era o certo prá ele, e para o grupo em geral. Não vamos estragar a festa de Antônia que tá muito mais do que boa, vamos continuar a contar o nosso bê-á-bá pro professor, e mostrar como a gente apesar das dificuldades tamos aqui prá contar as nossas vidas de bem querer...

Todos os presentes, ainda com a emoção afluando, riram, aplaudiram, deram vivas aos 84 anos de D. Antônia, e uma rodada de cachaça e sucos de manga e de caju remontou o clima de festa, em um clima de trocas de afetos e amenidades.

As narrativas colhidas durante o trabalho de campo e apresentadas no decorrer do artigo relatam as lembranças da chegada do grupo a João Pessoa, o encontro na calçada da estação, a chegada na Estrada dos Macacos, a caminhada pela margem esquerda do Rio Jaguaribe, e a ocupação de locais desprezados pela especulação imobiliária da época para constituição de um lugar de moradia e trajetória de vidas em comum na cidade escolhida para viver. Descreve a dureza dos primeiros tempos, a desistência de alguns e o fortalecimento do grupo. Narrativas que relembram a origem da história natural afetiva, que desemboca na consolidação da comunidade de afetos.

Este artigo teve por objetivo mostrar um agrupamento humano organizado através de um aprofundamento de vínculos solidários e de compartilhamento do conjunto de bens físicos e simbólicos a eles dispostos. Mostra que apesar de estreitos laços de solidariedade, nele houve tensões resultantes de uma organização comunitária de personalidade intensa, devido ao estreitamento dos laços e da dificuldade de se distinguir em seu interior os limites entre o pessoal e o coletivo. O que causou pequenos conflitos e mágoas dissimuladas no cotidiano da rua. Contudo, a vida em comunidade produziu o sentimento de pertença não só ao lugar, mas simbolicamente aos vínculos de amizade que os entrelaçou em uma trajetória comum, e onde aprenderam que desculpas e perdão, e às vezes o silêncio reflexivo ante algo sentido como ofensa é possível de ser feito, é bem vindo, e deve ser conversado e negociado. A etnografia apresentou, enfim, o esforço comunitário de uma unidade tensa e densa chamada por aqueles que a fizeram e experienciaram de comunidade de afetos.

Referências

BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 1972.

COOLEY, Charles Horton. O self social: o significado do Eu. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v16, n47, p. 173-192, 2017.

SIMMEL, Georg. How is society possible? *American Journal of Sociology*, v16, p. 372-391, 1910/1911.

SIMMEL, Georg. Das Problem der Soziologie. *Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*. 1º Auflage. (p.1-31). Berlin: Duncker & Humblot, 1908.

THOMAS, William Isaac; Dorothy Swaine Thomas. *The child in America: Behavior problems and programs*. New York: Knopf, 1928.

